



josé *obras completas*
gomes
ferreira

5 Caprichos
Teatrais

OBRAS COMPLETAS
DE
JOSÉ GOMES FERREIRA

13

5
CAPRICHOS TEATRAIS

JOSÉ GOMES FERREIRA

5

CAPRICHOS TEATRAIS

**inspirados na Revolução Portuguesa de 1974
e escritos em 1977-78**

MORÆS

TITULO ORIGINAL

5 Caprichos Teatrais

*Inspirados na Revolução Portuguesa de 1974
e escritos em 1977-78*

COPYRIGHT

José Gomes Ferreira

COLECÇÃO

Obras Completas de José Gomes Ferreira - 13

CAPA E PLANO GRÁFICO

Vitorino Martins

REVISÃO

Moraes Editores

COMPOSIÇÃO

Fototipo, Lda.

IMPRESSÃO

Safil

1.^a edição, Dezembro de 1978

N.^o de ed. 850, 3.000 exemplares

Direitos de tradução, reprodução e adaptação desta
edição reservados para todos os países por

Moraes Editores

Rua do Século, 34-2.^o

LISBOA - PORTUGAL

À Memória de Manuela Porto cujo milagre de criar poesia diante do público ninguém até hoje conseguiu repetir com tanta pureza. À amiga que quando me encontrava sempre me pedia como quem ordena, súplice:

— *Zé Gomes: escreva-me uma peça.*

Escrevi-a (escrevi-as) agora, já tarde quando não poderei passar de aprendiz, ajudado por um incitamento teórico que ousou resumir nesta frase: o teatro para ser vivo e autêntico tem de se tornar numa espécie de exame de consciência colectivo de uma determinada época.

Eis o que tentei fazer nestas experiências, inspiradas na Revolução, que o 25 de Abril suscitou e, por infelicidade dos Portugueses, já nasceu abortada — o que, como a tantos de nós, os que restam desse tempo, também, por certo magoaria o coração tão feminino e varonil da antifascista militante que se chamou Manuela Porto.

1

MANHÃ MORTA

Personagens

Dom José Cavaleiro de Souselas
Dona Matilde Façudo de Souselas

Catarina

Pedro

Miguel

Padre Albino

Maria

Mateus

Rita

Voz na Rádio

*(transcrever os comunicados autênticos
da Revolução de 25 de Abril)*

Voz num difusor na sala de espectáculos
(que na concepção do autor substitui o coro grego)

O cenário divide-se em duas secções. No lado esquerdo, ou direito, conforme as conveniências do palco, marcação, etc., um pequeno átrio onde se destaca, como que abandonado, um relógio antigo com um pêndulo muito visível. Desse átrio sai uma escada que vai ter a um desvão de velho palácio rústico, a metro e meio do chão do palco, convertido em quarto de criada (Maria) mobilado com um catre e um exíguo lavatório de ferro. Na parede por cima de um armário rude, o retrato de um soldado vestido com o uniforme camuflado da guerra colonial. Na mesma parede um enorme calendário com o seguinte em enormes caracteres:

23 ABRIL 1974

No átrio existe uma porta para um salão luxuoso, embora com alguns toques de mau gosto: uma cabeça de touro, bandarilhas pendentes, castanholas. Num recanto, um aparelho de rádio. Uma porta para onde se vai para o interior da casa no sítio

mais conveniente para a acção da peça. Quando sobe o pano, escuridão completa. Mas de súbito um jorro de luz ilumina intensamente o relógio do átrio. Ouve-se nitidamente o tique-taque do pêndulo, pouco depois reforçado por uma bateria invisível que se manterá, ora ruidosa ora muito branda durante o tempo que o encenador achar necessário, para marcar o ritmo da representação.

Depois o jorro de luz afasta-se do pêndulo e começará como que a passear pelo átrio. Sobe lentamente a escada, entra no quarto de Maria, deita-se no catre, lava-se no lavatório, contempla o retrato do soldado, desce até a uma jarra com flores de papel no armário, volta ao retrato e, por fim, fixa-se no calendário.

Em seguida, o jorro de luz desce a escada, atravessa a porta do salão onde só pára na mesa de jogo onde Dom José Cavaleiro de Souselas joga o crapô com a Mulher, Dona Matilde. A sala ilumina-se intensamente graças a um lustre fidalgo e vários candeeiros dispersos nos móveis.

Dom José Cavaleiro: — *(Boceja ruidosamente aborrecido, meio sorridente, meio a sério)*. Bolas! Perco sempre. Já é o quinto jogo a seguir. Ninguém me tira da cabeça que fizeste um pacto com o Diabo. Vendeste-lhe a minha alma.

Dona Matilde: — *(Bocejando discretamente)*. Estás cansado, é o que é. Ouve: e se nos fôssemos deitar? Já são quase quatro horas, meu filho. Nunca tens sono?

Cavaleiro: — Hoje não me deito enquanto eles não entrarem. Vamos a outro jogo.

Dona Matilde: — (*Aceitando com relutância*). Esta mania que apanhaste no Estoril.

Cavaleiro: — No Estoril? Esqueces-te de que os machos dos Souselas sempre jogaram? O meu avô, o Dom António, até jogou ao “pocker” a minha avó. Manteve sempre intactas as tradições da nossa família: jogo, vinho, cavalos...

Dona Matilde: — (*Com resignação*)... e mulheres. Bem sei. Felizmente que os teus filhos não seguiram as tradições da tua família.

Cavaleiro: — Mas seguiram as da tua... Pelo menos de metade da tua família. Quando penso nos meus filhos até sinto vontade de vomitar sem beber! (*Dá um soco na mesa, porque a mulher continua a ganhar*). Chiça! Tens uma sorte do caraças!

Dona Matilde: — Modera essa linguagem, Dom José Cavaleiro de Souselas. E que tem a minha família de mau? Vá! Desembucha!

Cavaleiro: — Vencer-me ao crapô, por exemplo. (*Mudando de tom*) Ouve lá, Dona Matilde: Queres obrigar-me a recordar-te que o teu pai se fez com os republicanos? Era um bom cavaleiro amador, sem dúvida, mas uma vez, no Campo Pequeno, dedicou uma sorte ao Afonso Costa, mesmo na presença de El-Rei que assistia à corrida. Foi um acto feio, hás-de concordar. Indigno de um Façudo!

Dona Matilde: — Não é segredo para ninguém que na minha família sempre existiram as duas tradições. A miguelista e a liberal. Claro, quando da propaganda republicana os descendentes dos liberais aderiram logicamente ao novo régime, enquanto os filhos dos miguelistas apoiaram o monárquico Paiva Couceiro. E agora...

Cavaleiro: — E agora o quê? Não me digas que se vão tornar logicamente comunistas... Até me caíam os olhos no inferno! (*Ameaçador*). Percebes?

Dona Matilde: — O inferno é que te sobe à boca, muitas vezes, José! Mas descansa, nenhum deles desonrará a memória do teu

Breve nota final

Todos, ou alguns destes caprichos, podem constituir um único espectáculo. Basta ligá-los como melhor aprouver ao critério e engenho sóbrio dos encenadores, que o autor preferiria que utilizassem apenas música do compositor Fernando Lopes-Graça, se fosse possível escrita especialmente, sem lhe faltar uma pequena abertura sinfónica referente à Revolução de 1974.

Na ausência dessa «abertura de câmara» os encenadores poderiam talvez empregar o coro *Acordai!* ou a *Balada para uma Heroína*, que o mesmo compositor escreveu para versos meus.

J.G.F.